

## **A REPRESENTAÇÃO DE CRIANÇA EM EMÍLIA NO PAÍS DA GRAMÁTICA E ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS: INVENTABILIDADES NA LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO**

Buena Bruna Araujo Macêdo<sup>1</sup>  
Julie Idália Araujo Macêdo<sup>2</sup>

### **RESUMO**

A pesquisa se propõe a analisar comparativamente a representação de criança que perpassa as protagonistas femininas dos livros: Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll e Emília no país da Gramática, de Monteiro Lobato. Para encaminhar esta pesquisa adotou-se, dentre outros, referenciais teóricos as contribuições da literatura comparada para os estudos literários de Coutinho e Carvalho (2011), Nitrini (2010) e Carvalho (2006). Na pesquisa em pauta, o objeto de estudo é constituído pelas obras Emília no país da Gramática (1934) de Monteiro Lobato e Alice no país das Maravilhas (1865) de Lewis Carroll, com o propósito de compará-las enquanto textos que compõem o universo da literatura infantil, habitualmente abordados nas instituições escolares do Brasil, enquanto material textual relevante para o ensino de Português e Literatura no Ensino Fundamental. Para alcançar o objetivo do estudo, a pesquisa alicerça-se na utilização da abordagem qualitativa em educação (Bogdan; Biklen, 1994) do estudo de cunho comparativo, bibliográfico e analítico, destacando dentre outros, os aspectos dialógicos e intertextuais das produções. Além disso é realizada a análise de conteúdo de Bardin (2011). Portanto, enfatizamos que os dois livros constituintes do *corpus* da pesquisa em pauta apresentam uma representação de criança interligada ao seu contexto de produção e além disso podem ser abordados em estudos comparativos críticos e para fins de leitura do texto literário em sala de aula.

**Palavras-chave:** Criança, Estudo comparativo, Literatura, Texto literário.

### **INTRODUÇÃO**

No estudo em pauta, o *corpus* de análise é constituído pelas obras Emília no país da Gramática (1934) de Monteiro Lobato e Alice no país das Maravilhas (1865) de Lewis Carroll, com o propósito de compará-las enquanto textos que compõem o universo da Literatura Infantil. São fundamentais as discussões acerca da Literatura Comparada para os estudos literários realizados por Coutinho e Carvalho (2011), Nitrini (2010) e Carvalho (2006), tendo em vista que é realizado um estudo comparativo e compreensivo acerca das

---

<sup>1</sup> Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial (PPGEEsp) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestra em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (GEOPROF) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, [buenabruna@yahoo.com.br](mailto:buenabruna@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, [juliidalia@yahoo.com.br](mailto:juliidalia@yahoo.com.br)



particularidades de cada obra, no campo geral da Literatura: “[...] o método comparativo de adquirir ou comunicar conhecimento é, num certo sentido, tão antigo quanto o pensamento, e, em outro, a glória peculiar do nosso século XIX. Toda a razão, toda a imaginação, operam subjetivamente, e passam de indivíduo para indivíduo objetivamente, com a ajuda de comparações e diferenças” (Posnett, 1886 Apud Coutinho; Carvalhal, 2011, p. 15). No estudo comparativo são enfatizadas as características das suas respectivas personagens principais, considerando as possíveis relações de intertextualidade entre Emília e Alice. Além disso, pode-se argumentar que Lewis Carroll e Monteiro Lobato são autores reconhecidos mundialmente como canônicos da Literatura e pelos livros que são objeto de estudo desta pesquisa. Delimitando o objeto de investigação, toma-se para análise a representação de criança expressa nesses livros, orientada pela seguinte questão: Qual representação de criança perpassa pelas personagens Emília e Alice? O estudo surgiu a partir do interesse em trabalhar com esse recorte temático – a representação da criança – em literatura nacionalmente conhecida e perceber que o campo literário não está isento da influência histórico-cultural que envolve cada escritor.

No estudo poderão ser analisados Lewis Carroll e sua característica literária vinculada à literatura vitoriana; e o contexto histórico-social brasileiro de Monteiro Lobato e suas obras; empreendendo por um trabalho comparativo de dois autores, separados geograficamente, mas unidos pela Literatura. Para alcançar os objetivos do estudo, a pesquisa alicerça-se na utilização da abordagem qualitativa em educação (Bogdan; Biklen, 1994) do estudo de cunho comparativo (Coutinho; Carvalhal, 2011; Nitrini, 2010; Carvalhal, 2006), bibliográfico e analítico (Gil, 2002; Lakatos; Marconi, 2010), destacando dentre outros, os aspectos dialógicos e intertextuais das produções, atentando para a descrição do ser criança, evidenciando aspectos que poderão contribuir para os processos inerentes ao Letramento Literário (Cosson, 2007) e a leitura do texto literário.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Nesta empreitada opta-se por um referencial teórico que reúne estudos acerca da literatura comparativa a partir de Coutinho e Carvalhal (2011), Nitrini (2010) e Carvalhal (2006); discussões acerca da noção de criança a partir de Franco (2002), Arroyo (1994) e Kohan (2004); leitura do texto literário em Cosson e Paulino (2009) e Cosson (2006). Os estudos da Literatura Comparada, a qual, dentre tantas funções, busca estabelecer a

comunicação entre épocas, estilos, obras e autores. No que tange à literatura comparada, o embasamento em Carvalho (2006), realça que a intertextualidade é relevante, uma vez que:

[...] o diálogo entre os textos não é um processo pacífico, pois, sendo os textos um espaço onde se inserem dialeticamente estruturas textuais e extratextuais, eles são um local de conflito, que cabe aos estudos comparados investigar numa perspectiva sistemática de leitura intertextual (Carvalho, 2006, p. 53).

Ao traduzir o livro *Alice no país das Maravilhas*, Monteiro Lobato aproximou Alice da sua personagem Emília, visto que, em seu texto *Emília no país da Gramática*, ele apresenta aspectos sociais e culturais do seu contexto de produção, ademais recebendo influência e intertextualidade da obra de Carroll. A análise comparativa entre as protagonistas das produções supracitadas justificou-se pelas semelhanças existentes entre ambas as personagens. Os estudos comparativos têm o propósito de reconhecer em uma obra literária e em um autor, parentescos com outras produções e escritores, possibilitando uma leitura compreensiva dos aspectos intrínsecos do texto e do campo cultural a que esse pertence e ao contexto em que viveu o autor de determinada obra.

Além disso, na pesquisa perpassa a preocupação de entender qual representação de criança emerge dos referidos livros literários. Para contribuir com essa discussão recorre-se a compreensão da noção de criança do século XXI, que é reconhecida por ser um sujeito sócio-histórico, cultural, protagonista, como aponta os estudos de Franco (2002), Arroyo (1994) e Kohan (2004). Compreende-se que são “[...] muitas as definições que encontraremos para infância, pois, sendo um conceito histórico, este dependerá do contexto em que estiver inserido” (Franco, 2002, p. 30). Acerca do caráter mutável, Arroyo (1994) nos diz que: “[...] a infância não existe como categoria estática, como algo sempre igual. A infância é algo que está em permanente construção” (Arroyo, 1994, p. 88). Desse modo, não é possível pensar a infância e a criança fora do contexto histórico, posto que esse é um conceito construído socialmente e possui um caráter mutável: “[...] podemos pensar na criança como um ser em desenvolvimento, que tem limitações, suas possibilidades, condicionadas historicamente” (Franco, 2002, p. 35-36). As premissas dos autores expressam que o conceito de infância ligado à cultura e ao contexto histórico no qual está inserida, cujo desenvolvimento deve ser integral.

Além da discussão acerca da literatura comparada e da noção de criança, do estudo emerge discussões acerca da leitura do texto literário. O Letramento Literário se dá pela Literatura, que é para Lajolo (1984), um objeto social que depende de alguém que escreva e alguém que leia. O Letramento exposto por Cosson (2007) implica na condição daquele que



tem capacidade de ler e compreender gêneros literários, e aprendeu a gostar de ler Literatura. O Letramento está ligado ao uso prático da leitura e escrita, em contrapartida, o Letramento Literário corresponde a uma prática social de leitura e escrita que envolve a Literatura, é um “[...] processo de apropriação da literatura enquanto construção de sentidos” (Cosson; Paulino, 2009, p.67). O Letramento Literário está em constante construção, “[...] não começa nem termina na escola, mas é uma aprendizagem que nos acompanha por toda a vida e que se renova a cada leitura de uma obra significativa” (Cosson; Paulino, 2009, p. 67). A utilização da literatura nas atividades escolares pode contribuir nos processos de letramento e especialmente no letramento literário, de modo a trazer benefícios ao alunado. O trabalho com a Literatura é importante para formar leitores desde os primeiros anos de vida, além de divertir, ela pode ser uma aliada do Letramento, auxiliando nas aprendizagens e estimulando a imaginação, curiosidade e criatividade.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O estudo reflete acerca da Literatura que pode ser apreciada pelo público infantil apresentando extrema relevância tanto no âmbito social quanto acadêmico. Ao ser escrita é levado em consideração seu público-alvo (crianças), cujo aspecto pode ser visível: na temática abordada, que costuma ser próxima à realidade desta faixa etária; nas ilustrações que acompanham as narrativas, as quais chamam atenção e o interesse dos leitores; e até mesmo nos personagens, que são crianças. A aproximação da Literatura ao contexto de seu público-alvo faz com que o leitor se sinta motivado a fazer a leitura do texto em sua íntegra. Além disso, outra característica que deixa o leitor entusiasmado ao se deparar com essas obras é a presença do encanto e do mágico que entrelaça seres irrealis, acontecimentos sobrenaturais, despertando o imaginário das crianças.

O interesse em analisar comparativamente os escritores em questão se deu pelo fato de que Monteiro Lobato, foi o responsável pela entrada de diversos textos literários estrangeiros no Brasil, através de traduções e adaptações por ele realizadas. No Brasil, a história de Alice tornou-se conhecida entre as crianças em virtude à adaptação feita por Monteiro Lobato (1882- 1948), o que foi de suma importância do ponto de vista da ampla divulgação do texto, propiciada pelo renome de Lobato em solo brasileiro. Além disso, as narrativas inerentes as personagens, Alice e Emília, são dedicadas à representação de uma série de características atribuídas as crianças protagonistas. No Quadro 1 está exposto os capítulos dos livros que são analisadas no estudo em pauta:

Quadro 1 Comparativo dos capítulos dos livros

Alice no País das Maravilhas - 2010	Emília no País da Gramática - 2009
Sumário	Sumário
Capítulo I Descendo Pela Toca Do Coelho Capítulo II A poça de lágrimas Capítulo III A corrida-caucus e uma longa história Capítulo IV O coelho manda um recado pelo lagarto Capítulo V O conselho de uma lagarta Capítulo VI Porco e pimenta Capítulo VII Um chá muito louco Capítulo VIII O campo de croqué da rainha Capítulo IX A história da tartaruga falsa Capítulo X A quadrilha das lagostas Capítulo XI Quem roubou as tortas? Capítulo XII O depoimento de Alice	I Uma ideia da Senhora Emília II Portugália III Gente importante e gente pobre IV Em pleno mar dos Substantivos V Entre os Adjetivos VI Na Casa dos Pronomes VII Artigos e Numerais VIII No acampamento dos Verbos IX Emília na casa do Verbo Ser X A tribo dos Advérbios XI As Preposições XII Entre as Conjunções XIII A Casa da Gritaria XIV A Senhora Etimologia XV Uma nova Interjeição XVI Emília forma palavras XVII O susto da velha XVIII Gente de fora XIX Nos domínios da Sintaxe XX As Figuras de Sintaxe XXI Os Vícios de Linguagem XXII As Orações ao ar livre XXIII Exame e Pontuação XXIV E o Visconde? XXV Passeio ortográfico XXVI Emília ataca o reduto etimológico XXVII Epílogo

**Fonte: Retirado dos livros**

O livro *Alice no País das Maravilhas*, escrito por Lewis Carroll, pseudônimo do autor inglês Charles Lutwidge Dodgson (1832-1898), possui 12 (doze) capítulos, que inicia com a queda de Alice na toca do Coelho Branco que a conduz a um mundo de fantasia que irá desbravar. Escrita por “Lewis Carroll” no ano de 1865, durante o reinado da Rainha Vitória, na Inglaterra que iniciou após a morte do Rei Guilherme IV, no ano de 1837. Seu reinado durou aproximadamente 64 anos, período esse que ficou conhecido como a “Era Vitoriana”, sendo o mais longo reinado inglês da história e um período de intensa mudança industrial, cultural, política, científica e militar.

O livro *Alice no País das Maravilhas* foi traduzido pela primeira vez para a Língua Portuguesa em 1931 por Monteiro Lobato. Sob sua autoria foram traduzidas obras européias como: *Viagens de Gulliver*, *Robinson Crusoe*; *Contos de Grimm*, irmãos Grimm; *Alice no País das Maravilhas*; entre outras. No prefácio da tradução de 1931 Lobato realiza momentos intertextuais com as personagens Narizinho e Emília:

[...] muitos anos atrás um professor de matemática de Oxford, Lewis Carroll, muito amigo das crianças, fez um passeio de bote pelo rio Tâmis com três meninas. Para diverti-las, foi inventando uma história de que elas gostaram muito. Chegando em casa teve a ideia de escrever essa história – e assim nasceu para a biblioteca infantil universal mais uma obra prima – *Alice in Wonderland* (Alice no País das Maravilhas). O livro ficou famoso entre os povos da língua inglesa. Foi traduzido por toda a parte. Seu autor imortalizou-se. Hoje aparece em português. Traduzir é sempre difícil. Traduzir uma obra como a de Lewis Carroll, mais que difícil, é difícilíssimo. Trata-se do sonho de uma menina travessa – sonho em inglês, de coisas inglesas, com palavras, referências, citações, alusões, versos, humorismo, trocadilhos, tudo inglês –, isto é, especial, feito exclusivamente para a mentalidade original dos inglesinhos. O tradutor fez o que pôde, mas pede aos pequenos leitores que não julguem o pelo arremedo. Vai de diferença a diferença das duas línguas e a diferença das duas mentalidades, a inglesa e a brasileira. As crianças brasileiras vão ler a história de Alice por conta do pedido de Narizinho [a famosa personagem de Monteiro Lobato]. Tanto insistiu esta menina em vê-la em português (Narizinho ainda não sabe inglês), que não houve remédio; apesar de ser, como dissemos, uma obra intraduzível. – “Serve assim mesmo” – disse ela ao ler a minha tradução – “Dá uma ideia, embora muito pálida, como diz Emília”... (Lobato, 1931)

Lobato morou no exterior e teve acesso a uma vasta literatura. O que pode ter contribuído para a possível influência de Lewis Carroll, o que justificar algumas semelhanças nas características físicas, psicológicas e intelectuais das personagens Alice e Emília. A personagem Alice no primeiro capítulo do livro é o de uma menina ativa, esperta, inteligente, curiosa e teimosa, que não mede as consequências das suas atitudes ou palavras.

Alice, impressionada e curiosa, segue o coelho e entra no buraco pelo qual o viu passar e a partir disso constrói seu itinerário mágico. A edição de Alice no País das Maravilhas que foi analisada foi publicada pela editora L&PM em 2010 com tradução de Rosaura Eichenberg.

[...] Alice estava começando a se cansar de ficar sentada ao lado da irmã à beira do lago, sem ter nada para fazer: uma ou duas vezes ela tinha espiado no livro que a irmã estava lendo, mas o livro não tinha desenhos, nem diálogos. “E de que serve um livro”, pensou Alice, “sem desenhos ou diálogos?” Assim ela ficou pensando consigo mesma (da melhor maneira possível, pois o dia quente a fazia se sentir muito sonolenta e estúpida) se o prazer de fazer uma corrente de margaridas valeria o esforço de se levantar e colher as margaridas, quando de repente um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa passou correndo perto dela. Não havia nada de muito extraordinário nisso. Nem Alice achou assim tão estranho escutar o Coelho dizer para si mesmo: “Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! Vou chegar tarde!” (Quando ela refletiu mais tarde a respeito, ocorreu-lhe que deveria ter se admirado disso, mas no momento tudo lhe pareceu bem natural.) Mas quando o Coelho tirou um relógio do bolso do colete, deu uma olhada no mostrador e seguiu adiante apressado, Alice levantou-se num átimo, pois lhe passou pela cabeça que nunca tinha visto um coelho com bolso no colete, nem com um relógio para tirar do bolso, e, ardendo de curiosidade, correu pelo campo atrás dele, chegando bem a tempo de vê-lo sumir numa grande toca embaixo da cerca viva. No momento seguinte, lá entrou Alice atrás do coelho, sem sequer pensar como é que iria sair da toca de novo. A toca continuava reta como um túnel por algum tempo e depois afundava de repente, tão de repente que Alice não teve como pensar em parar antes de começar a cair no que parecia ser um poço muito profundo (Carroll, 2010).

Ao longo do livro, o autor surpreende o leitor com situações fantásticas. Alice encontra diferentes personagens ao longo de seu itinerário pelo país das Maravilhas, por exemplo, o Gato de Cheshire (ou Gato Risonho), conhecido pelo seu sorriso, com o dom de aparecer e desaparecer, ele não teme a Rainha de Copas. Alice encontra o animal no momento em que está perdida e busca indicações sobre o melhor caminho a seguir:

[...] “Gatinho de Cheshire” começou um pouco tímida, pois não sabia se ele gostaria do nome, mas ele abriu ainda mais o sorriso. “Vamos, parece ter gostado até agora”, pensou Alice, e continuou. “Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para sair daqui?” “Isso depende bastante de onde você quer chegar”, disse o Gato. “O lugar não me importa muito...”, disse Alice. “Então não importa que caminho você vai tomar”, disse o Gato. “...desde que eu chegue a algum lugar”, acrescentou Alice em forma de explicação. “Oh, você vai certamente chegar a algum lugar”, disse o Gato, “se caminhar bastante.” Alice sentiu que não havia como negar essa verdade, por isso tentou outra pergunta. “Que tipo de pessoas vivem por aqui?” “Nesta direção”, disse o Gato, girando a pata direita, “mora um Chapeleiro. E nesta direção”, apontando com a pata esquerda, “mora uma Lebre de Março. Visite quem você quiser, são ambos loucos.” “Mas eu não ando com loucos”, observou Alice. “Oh, você não tem como evitar”, disse o Gato, “somos todos loucos por aqui. Eu sou louco. Você é louca”. “Como é que sabe que eu sou louca?”, disse Alice. “Você deve ser”, disse o Gato, “senão não teria vindo para cá.” (Carroll, 2010).

O discurso do Gato demonstra para Alice que ela precisa abandonar as regras e o pensamento lógico, aceitando o que é estranho. Outro personagem que Alice encontra é o Coelho Branco que se comporta como um ser humano, vestindo roupas e carregando um relógio, ele vive correndo de um lado para o outro, sempre atrasado para os compromissos com a rainha. Quando o Coelho passa no jardim, ele desperta a curiosidade da protagonista. A Lebre de Março, é outra personagem fantástica, amiga do Chapeleiro Louco e fiel companheira da hora do chá. Infere-se que o Chapeleiro Louco representa uma sátira das normas de etiqueta, ele transforma o chá das cinco, uma das mais antigas tradições da Inglaterra em uma celebração sem sentido. O Chapeleiro Louco é ambíguo, amigável e rude com Alice. Outra personagem é a Lagarta que carrega a simbologia da metamorfose e conduz Alice a questionar a própria identidade, quando pergunta: "Quem é você?". Ela tenta ajudar Alice a se adaptar e lidar com os desafios do local e suas transformações sucessivas:

[...] a lagarta e Alice olharam-se por algum tempo em silêncio. Por fim, a Lagarta tirou o narguilé da boca e dirigiu-se a Alice com uma voz lânguida e sonolenta. “Quem é você?”, disse a Lagarta. Não era um começo de conversa muito estimulante. Alice respondeu um pouco tímida: “Eu... eu... no momento não sei, minha senhora... pelo menos sei quem eu era quando me levantei hoje de manhã, mas acho que devo ter mudado várias vezes desde então”. “O que você quer dizer?”, disse a Lagarta ríspida. “Explique-se!” “Acho que infelizmente não posso me explicar, minha senhora”, disse Alice, “porque já não sou eu, entende?” “Não entendo”, disse a Lagarta. “Receio não poder me expressar mais claramente”, respondeu Alice muito polida, “pois, para começo de conversa, não entendo a mim mesma. Ter muitos tamanhos num mesmo dia é muito confuso.” “Não é”, disse a

Lagarta. “Bem, talvez ainda não pense assim”, disse Alice. “Mas quando se transformar numa crisálida – o que vai acontecer um dia, sabe – e depois disso numa borboleta, acho que vai se sentir um pouco esquisita, não acha?” “Nem um pouco”, disse a Lagarta. “Bem, talvez seus sentimentos sejam diferentes”, disse Alice. “O que sei é que eu iria me sentir esquisita” “Você!”, disse a Lagarta com desdém. “Quem é você?” O que as levou de volta ao começo da conversa (Carroll, 2010).

A Lagarta ensina a protagonista que mudanças são positivas e que devem ser encaradas sem medo e que faz parte do processo de cada ser. Por fim, a personagem Rainha de Copas, egocêntrica e infantil, representa o poder absoluto no País das Maravilhas, temida até pelo marido, o Rei, que segue as suas ordens. A Rainha humilha e sempre aparece gritando e ameaçando cortar a cabeça de seus súbditos. No final do livro tudo não passou de um sonho:

[...] “Acorde, Alice querida!”, disse a irmã. “Ora, mas como você dormiu!” “Oh, eu tive um sonho muito curioso!”, disse Alice. E ela contou à irmã, detalhando ao máximo tudo o que conseguia lembrar, essas estranhas Aventuras que vocês acabaram de ler. E quando terminou, a irmã a beijou e disse: “Foi certamente um sonho curioso, minha querida, mas agora entre correndo para tomar o seu chá. Está ficando tarde.” Assim Alice se levantou e saiu correndo, pensando, enquanto corria, que o sonho tinha sido realmente maravilhoso. Mas a irmã continuou sentada depois que Alice a deixou, a cabeça apoiada numa das mãos, contemplando o pôr do sol e pensando na pequena Alice e em todas as suas maravilhosas Aventuras, até que ela também começou de certa maneira a sonhar, e o seu sonho foi o seguinte. Primeiro, ela sonhou com a pequena Alice: mais uma vez as mãozinhas se fecharam sobre o seu joelho, e os olhos brilhantes e ansiosos mergulharam nos dela... podia escutar o tom da voz, ver aquele meneio esquisito da cabeça para afastar o cabelo teimoso que sempre queria entrar nos olhos... e ainda assim ela escutava, ou parecia escutar, todo o lugar ao seu redor animado com as estranhas criaturas do sonho da irmãzinha. A grama comprida roçagava a seus pés enquanto o Coelho Branco passava apressado... o Camundongo assustado chapinhava abrindo caminho no lago vizinho... podia ouvir o chacoalhar das xícaras de chá, enquanto a Lebre de Março e seus amigos faziam sua refeição interminável, e a voz aguda da Rainha mandando executar seus infelizes convidados... mais uma vez o bebê-porco espirrava sobre o joelho da Duquesa, enquanto travessas e pratos se espatifavam ao redor... mais uma vez o grito do Grifo, o rangido do lápis do Lagarto na lousa, e o sufocar dos porquinhos-da-índia reprimidos enchiam o ar, misturados com os soluços distantes da desgraçada Tartaruga Falsa. Continuou sentada, de olhos fechados, e meio que acreditou estar no País das Maravilhas, embora soubesse que bastava abrir os olhos para que tudo se transformasse na realidade monótona... a grama estaria apenas roçagando ao vento, e o lago encrespando-se com o balanço dos juncos... as xícaras de chá chocalhantes se transformariam nos sinos tilintantes das ovelhas, e os gritos agudos da Rainha na voz do menino pastor... e os espirros do bebê, o grito do Grifo e todos os outros barulhos esquisitos se tornariam (ela bem o sabia) o clamor confuso do campo em atividade... enquanto o mugido do gado à distância tomaria o lugar dos fortes soluços da Tartaruga Falsa. Por fim, ela imaginou que esta mesma irmãzinha seria no futuro uma mulher adulta, que ela conservaria nos anos mais maduros o coração simples e amoroso da sua infância, que ela reuniria ao redor de si outras crianças, fazendo os olhinhos brilharem desejosos de mais uma história estranha, talvez até com o sonho do País das Maravilhas do passado, e que ela se compadeceria de suas tristezas simples e encontraria prazer em todas as suas alegrias simples, lembrando-se da sua própria infância e dos dias felizes de verão (Carroll, 2010).

No final do livro é a vez da irmã de Alice passar a sonhar, momento em que ela imagina a imensa quantidade de maravilhas vivenciada pela protagonista. Em contrapartida, no livro



Emília no País da Gramática, lançado pela primeira vez em 1934 (regras e conceitos gramaticais antigos foram atualizados) por José Bento Marcondes Monteiro Lobato (1882-1948), possui 27 (vinte e sete) capítulos que tratam da viagem que Emília, Pedrinho, Narizinho, Visconde e Quindim fazem até o País da Gramática onde aprendem de forma divertida ensinamentos da Língua Portuguesa.

Na literatura Monteiro Lobato, renomado escritor brasileiro, foi um dos primeiros autores que deu voz às crianças através das suas personagens, ressaltando as características infantis como curiosidade, teimosia e imaginação. Além disso, através das narrativas das suas personagens (Narizinho, Pedrinho, Emília) apresenta uma forma de ver o mundo através dos olhos infantis. No livro Lobato constrói uma gramática recreativa, complementar à da escola, ao disfarçar as regras em diálogos e dramatizações. Lobato dramatiza a gramática e humaniza os termos. A narrativa inicia no Sítio do Pica-Pau Amarelo, onde o personagem Pedrinho ficou chateado com os ensinamentos de gramática de sua avó Dona Benta. Pedrinho sentia-se cansado em aprender esta matéria na escola e tinha que estudá-la nas férias:

[...] Dona Benta, com aquela paciência de santa, estava ensinando gramática a Pedrinho. No começo Pedrinho rezingou. — Maçada, vovó. Basta que eu tenha de lidar com essa caceteação lá na escola. As férias que venho passar aqui são só para brinquedo. Não, não e não. . . — Mas, meu filho, se você apenas recordar com sua avó o que anda aprendendo na escola, isso valerá muito para você mesmo, quando as aulas se reabrirem. Um bocadinho só, vamos! Meia hora por dia. Sobram ainda vinte e três horas e meia para os famosos brinquedos. Pedrinho fez bico, mas afinal cedeu; e todos os dias vinha sentar-se diante de Dona Benta, de pernas cruzadas como um oriental, para ouvir explicações de gramática. — Ah, assim, sim! — dizia ele. — Se meu professor ensinasse como a senhora, a tal gramática até virava brincadeira. Mas o homem obriga a gente a decorar uma porção de definições que ninguém entende. Ditongos, fonemas, gerúndios. . . (Lobato, 2009)

Através de uma das falas de Pedrinho percebe-se que o rinoceronte Quindim é considerado um grandiosíssimo gramático. Segundo Albieri (2008), a ideia da boneca de visitarem o País da Gramática abre espaço para que se pense que:

[...] a ideia da boneca abre espaço para que se pense que a aprendizagem proposta por Lobato nesse livro tem por base os preceitos de Anísio Teixeira, educador baiano que o escritor conheceu, durante o período em que morou nos EUA [...]. A proposta pedagógica de Anísio Teixeira, conhecida como Escola Nova, concebia a escola como “um lugar onde os alunos fossem ativos” (Teixeira, 1932). Sendo assim, não bastava ouvir falar de gramática, mas era preciso também vivê-la, experimentá-la, propor questões sobre ela, investigá-la – enfim, conhecê-la, atrelado ao projeto pedagógico a noção de passeio, ou seja: não se trata de obter o conhecimento por obrigação, mas de forma ativa e por prazer (Albieri, 2008, p.262-263).

A postura de Quindim comenta Albieri (2008), será diferente da de Dona Benta, “[...] ele não ensina (...) ele ajuda a construir este conhecimento, que é, inclusive, ‘gerenciado’

pelas crianças”, uma vez que são elas que escolhem o que querem aprender, elegendo seus próprios itinerários pelo país da gramática”, as crianças que decidem os próximos passos pelo país. Ao aprender gramática de forma mais simplificada, Pedrinho sente-se mais atraído pela matéria. Enquanto isso, a boneca Emília assistia às lições, distraída e pensativa. Ela logo sugere a viagem ao País da Gramática. Pedrinho, no começo, achou estranho, pois nunca tinha ouvido falar desse lugar. A boneca Emília disse que existia e quem havia lhe contado foi o sabidão Rinoceronte.

[...] Emília habituou-se a vir assistir às lições, e ali ficava a piscar, distraída, como quem anda com uma grande idéia na cabeça. É que realmente andava com uma grande idéia na cabeça. — Pedrinho — disse ela um dia depois de terminada a lição —, por que, em vez de estarmos aqui a ouvir falar de gramática, não havemos de ir passear no País da Gramática? O menino ficou tonto com a proposta. — Que lembrança, Emília! Esse país não existe, nem nunca existiu. Gramática é um livro. — Existe, sim. O rinoceronte, que é um sabidão, contou-me que existe. Podemos ir todos, montados nele. Topa? Perguntar a Pedrinho se queria meter-se em nova aventura era o mesmo que perguntar a macaco se quer banana. Pedrinho aprovou a idéia com palmas e pinotes de alegria, e saiu correndo para convidar Narizinho e o Visconde de Sabugosa. Narizinho também bateu palmas — e se não deu pinotes foi porque estava na cozinha, de peneira ao colo, ajudando Tia Nastácia a escolher feijão. — E onde fica esse país? — perguntou ela. — Isso é lá com o rinoceronte — respondeu o menino. — Pelo que diz a Emília, esse paquiderme é um grandessíssimo gramático. — Com aquele cascão todo? — É exatamente o cascão gramatical — asneirou Emília, que vinha entrando com o Visconde. Os meninos fizeram todas as combinações necessárias, e no dia marcado partiram muito cedo, a cavalo no rinoceronte, o qual trotava um trote mais duro que a sua casca. Trotou, trotou e, depois de muito trotar, deu com eles numa região onde o ar chiava de modo estranho. — Que zumbido será esse? — indagou a menina. — Parece que andam voando por aqui milhões de vespas invisíveis. — É que já entramos em terras do País da Gramática (Lobato, 2009).

Pedrinho e Narizinho representam na estrutura escolar o aluno-padrão, com dúvidas pertinentes, que ajudam o autor a levar adiante as diversas situações de aprendizagem, aqueles que prestam atenção às normas e regras, que pouco questionam. Emília representa o aluno crítico, curioso e participativo. Visconde de Sabugosa sem questionar os fundamentos da ortografia, muito menos se posicionar em relação aos embates gramaticais, o sabugo estará alheio às discussões nesse sentido; estaria meio sonso pelo país da Gramática, “armando alguma” conforme aponta Emília. Ao término do livro *Emília no País da Gramática*, visconde de Sabugosa, homem culto, realiza uma manobra para tentar modificar a gramática da Língua Portuguesa e poupar seu coração de emoções.

[...] quando Emília voltou para onde se achavam os meninos, viu-os em preparativos para o regresso. Estavam com uma fome danada. — E o Visconde? — indagou ela. — Apareceu? — Está aqui, sim — respondeu Pedrinho —, mas nega a pés juntos que haja furtado o Ditongo. Emília aproximou-se do velho sábio, que tinha uma bochecha inchada de dor de dente. — Então, onde está o Ditongo, Senhor Visconde? — interpelou ela, de mãozinha na cintura e olhar firme. O pobre fidalgo pôs-se a tremer, todo gago. — Eu. . . eu. . . — Sim, o senhor mesmo! — disse Emília com



vozinha de verruma. — O senhor raptou o Ditongo ão e escondeu-o em qualquer lugar. Vamos. Confesse tudo. — Eu. . . eu. . . — continuava o fidalgo, que não sabia lutar com a boneca. Emília refletiu uns instantes. Depois agarrou-o e fê-lo abrir a boca à força. O Ditongo furtado caiu no chão. . . — Vejam! — exclamou Emília, vitoriosa. — Ele tinha escondido o pobre Ditongo na boca, feito bala. Que vergonha, Visconde! Um homem da sua importância, grande sábio, ledor de álgebra, a furtar Ditongo. . . — Eu explico tudo — declarou por fim o Visconde, muito vexado. — O caso é simples. Desde que caí no mar, naquela aventura no País da Fábula fiquei sofrendo do coração e muito sujeito a sustos. Ora, este Ditongo me fazia mal. Sempre que gritavam perto de mim uma palavra terminada em ão, como Cão, Ladrão, Pão e outras, eu tinha a impressão dum tiro de canhão ou dum latido de canzarrão. Por isso me veio a idéia de furtar o maldito Ditongo, de modo que desaparecessem da língua portuguesa todos esses latidos e estouros horrendos. Foi isso só. Juro! Emília ficou radiante de haver adivinhado. — Eu não disse? — gritou para os meninos. — Eu não disse que devia ser isto? E para o desapontadíssimo fidalgo: — Pegue o Ditongo e vá botá-lo onde o achou. Você não é Academia de Letras para andar mexendo na língua. . . Meia hora mais tarde já estavam todos no sítio, contando ao Burro Falante o maravilhoso passeio pelas terras da Gramática (Lobato, 2009).

Visconde representa o aluno aplicadíssimo e que domina o tema em questão, circulando com desenvoltura no país da Gramática. O sabugo estará ocupado com uma obsessão do autor: o ditongo “ão”, inexistente em outros idiomas, e que para Monteiro Lobato soava como um incômodo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contribuição do estudo para literatura comparada, para os estudos de pós-modernidade, é de que se apresentar uma análise comparativa partindo da investigação de obras distintas, trazendo para a sociedade pontos ainda não abordados pela academia. O ineditismo do trabalho está em comparar, principalmente as personagens, Alice e Emília, observando aspectos inerentes à representação da criança, nas duas obras, até então ainda não investigados cientificamente por esta perspectiva. Os resultados desta pesquisa poderão beneficiar os profissionais da educação, especialmente os professores de Língua Portuguesa, pois poderá lhes oferecer outra possibilidade, para trabalhar o Letramento Literário na Educação Básica. A pesquisa em pauta, por se tratar de uma comparação entre personagens, uma brasileira e outra inglesa, aproxima o estrangeiro do nacional, assim, facilita, por exemplo, a discussão de aspectos culturais no contexto escolar e ampliar as possibilidades para o desenvolvimento do Letramento Literário

## REFERÊNCIAS



ALBIERI, T. A gramática da Emília: a língua do país de Lobato. *In*: LAJOLO, M. CECCANTINI, J. (orgs.). **Monteiro Lobato livro a livro: obra infantil**. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial, 2008.

ARROYO, M. G. **O significado da infância**. Revista Criança, Brasília, 1994.

BOGDAN, R. C; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: Uma introdução à teoria e aos métodos. Trad. Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994.

CARROLL, L. **Alice no País das Maravilhas**. Tradução de Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931.

CARROLL, L. **Alice no País das Maravilhas** [recurso eletrônico] Tradução de Rosaura Eichenberg. Porto Alegre, RS : L&PM, 2010

CARVALHAL, T. F. **Literatura comparada**. - 4.ed. rev. e ampliada. - São Paulo : Ática, 2006.

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2007.

COSSON, R.; PAULINO, G. **Letramento literário**: para viver a literatura dentro e fora da escola. *In*: RÖSING, T. M. K; ZILBERMAN, R. (Orgs.). Escola e leitura: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

COUTINHO, E. F.; CARVALHAL, T. F. (orgs.). **Literatura Comparada**: Textos Fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

FRANCO, M. E. W. **Compreendendo a infância**. *In*: FRANCO, Márcia E. Wilke. Compreendendo a infância como uma condição da criança. Porto Alegre: Mediação, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KOHAN, W. (org). **Lugares da infância**: Filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LAJOLO, M. **O que é literatura**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira**: histórias e histórias. 6 ed. São Paulo: Ática, 2010.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A.. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LOBATO, M.. **Emília no País da Gramática**. Ilustrações Osnei e Hector Gomez. 2. ed. São Paulo: Globo, 2009.

LOBATO, Monteiro. **Emília no País da Gramática**. São Paulo: Brasiliense, 2009. |